

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional**  
**Curso de Psicologia**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Acolhimento Psicológico à Criança Enlutada:  
uma revisão bibliográfica**

**Juliana Miranda Costa Ferreira**

**Pelotas, 2020**

**JULIANA MIRANDA COSTA FERREIRA**

**Acolhimento Psicológico à Criança Enlutada:  
uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Psicologia, como requisito básico  
para a conclusão do curso de Psicologia da  
Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Marta Solange Streicher Janelli da Silva

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

F383a Ferreira, Juliana Miranda Costa

Acolhimento psicológico à criança enlutada : uma  
revisão bibliográfica / Juliana Miranda Costa Ferreira ; Marta  
Solange Streicher Janelli da Silva, orientadora. — Pelotas,  
2020.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal  
de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Luto. 3. Enfrentamento. 4. Criança. 5.  
Acolhimento psicológico. I. Silva, Marta Solange Streicher  
Janelli da, orient. II. Título.

CDD : 150

**Juliana Miranda Costa Ferreira**

**Acolhimento Psicológico à Criança Enlutada:  
uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 21 de Dezembro de 2020.

**Banca examinadora:**

---

Profa. Dra. Marta Solange Streicher Janelli da Silva (Orientadora)  
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas.

---

Profa. Dra. Giovana Fagundes Luczinski  
Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

---

Luciana Mecking Arantes  
Psicóloga da Universidade Federal de Pelotas, especialista em Psicologia Hospitalar e em Gestão Hospitalar.

*Dedico este trabalho a todas as famílias que passaram pelo difícil momento de se despedirem de um ente querido e buscaram ressignificar essa experiência em meio a uma profunda saudade. Em especial, dedico a minha querida priminha Marina, que precisou, precocemente, dizer adeus a sua maninha Júlia, que tanto amava.*



## **Agradecimentos**

Agradeço imensamente a todas as pessoas, amigos, familiares e profissionais que me ajudaram, me incentivaram e colaboraram durante a minha graduação e para o desenvolvimento deste trabalho. Em especial, agradeço:

Inicialmente a Deus por todos os momentos bons na minha vida, que me fizeram crescer como pessoa e a ter força diante das dificuldades para ter chegado até aqui.

Aos meus amorosos pais Germano e Evanilda pela minha existência, por terem me preparado para a vida, transmitindo valores e princípios, indissolúveis, com seus exemplos.

A minha avó Helena, minha fonte de inspiração e coragem, que com sua incansável dedicação contribuiu tanto para a minha criação e que com seu amor e ensinamentos cheguei até aqui.

Ao meu esposo Jean por todo carinho e paciência, por ter me acompanhado do início ao fim, em cada etapa desta jornada, pela sua compreensão quando, inúmeras vezes, precisei me ausentar e me deslocar até a cidade de Pelotas para minhas aulas, estágios e para focar e dedicar-me ao meu sonho. Obrigada por fazer parte da minha vida e por todo seu amor.

Aos meus sogros, dona Jurema e seu Clovis, e ao tio Vanderlei (*in memoriam*) por terem me acolhido, em sua família, com todo carinho, pelo apoio e por terem acreditado em mim, minha eterna gratidão.

A minha prima Cidiane, que sempre me concedeu incentivo e amizade, pelo seu acolhimento e escuta quando mais precisei, principalmente, nos momentos de angústia na conclusão desta graduação, que me fez perceber que verdadeiros amigos são como nossos irmãos.

Às mimosas Marina e minha afilhada Júlia (*in memoriam*) que foram minha fonte de inspiração para este trabalho.

Agradeço, também, ao meu querido tio e amigo Jarce, que sempre acreditou em mim e, mesmo distante, sempre me ofereceu sua alegria e seu incentivo para que eu chegasse até aqui.

À colega Luíse, pela sua sensibilidade e amizade, pela troca de aprendizado, por dividirmos nossos anseios e por tornar este trabalho menos solitário, através da sua gentileza e apoio.

Ao colega Lino, pela preciosa amizade, por ter sido incansável ao me ajudar nos momentos de dificuldade, por toda sua contribuição, pelo seu bom humor, que contribuiu para que tudo fosse menos complicado, as aulas mais descontraídas e alegres.

À secretária Silvana por toda atenção e paciência, desde o início da minha trajetória.

À Luciana Mecking por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora, desde a apresentação do meu projeto, em que suas estimáveis contribuições deram-me força e orientação para a construção deste trabalho.

À professora Giovana pela disposição e por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora deste trabalho.

À professora Marta Janelli, minha orientadora, que me guiou, com sabedoria e delicadeza, por acolher meu sonho e minhas angústias, pela sua dedicação e paciência, pelos seus valiosos ensinamentos, que foram primordiais para a conclusão deste trabalho.

Aos demais professores que, sem dúvida, colaboraram para minha formação como psicóloga e deixaram, em mim, a marca de seus conhecimentos.

À Universidade Federal de Pelotas que, por vezes, foi a minha casa, sou grata por tantas oportunidades.

Agradeço a todos àqueles que, com amor, souberam compreender o meu momento, as minhas ausências e, mesmo assim, não desistiram de mim.

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana.”*

*Carl G. Jung*

## Resumo

COSTA, Juliana Miranda. **Acolhimento Psicológico à Criança Enlutada**: uma revisão bibliográfica. 2020. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia). Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

O presente estudo trata de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica de estrutura exploratória, com o objetivo de compreender e identificar de quê forma as crianças vivenciam o processo de luto e as possíveis formas de enfrentamento. Neste sentido, esta pesquisa buscou verificar os sentimentos e sintomas gerados pelo luto infantil nos aspectos sociais, emocionais e comportamentais e, conseqüentemente, como se dá o acolhimento psicológico em crianças enlutadas. Embora a morte seja uma das únicas certezas que temos na vida, enfrentar essa realidade sempre é muito difícil, principalmente quando está relacionada à morte de um familiar ou ente querido de uma criança. Vários estudos buscam compreender o processo de luto, nas mais variadas percepções e fases do desenvolvimento humano, mas para buscar entender o luto infantil é preciso considerar vários aspectos, bem como, as características individuais de cada criança e, principalmente, porque as crianças se encontram em constante desenvolvimento e aprendizados e essas questões requerem um olhar diferenciado, sensível e criterioso.

**Palavras-chave:** Luto. Enfrentamento. Criança. Acolhimento Psicológico.

## **Abstract**

COSTA, Juliana Miranda. **Psychological reception of bereaved children: a literature review**. 2020. 25 f. Course Conclusion Paper (Bachelor in Psychology). Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020

The present study deals with a qualitative, bibliographic research with an exploratory structure, with the objective of understanding and identifying how children experience the grieving process and possible ways of coping. In this sense, this research sought to verify the feelings and symptoms generated by child mourning in social, emotional and behavioral aspects and, consequently, how psychological reception is given to bereaved children. Although death is one of the only certainties we have in life, facing this reality is always very difficult, especially when it is related to the death of a family member or loved one of a child. Several studies seek to understand the grieving process, in the most varied perceptions and stages of human development, but to seek to understand child grief it is necessary to consider several aspects, as well as the individual characteristics of each child and, mainly, because children are constantly developing and learning and these issues require a differentiated, sensitive and judicious look.

**Keywords:** Mourning. Coping. Kid. Psychological reception.

## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Objetivos .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Objetivo geral .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>14</b>
<b>3 Metodologia .....</b>	<b>15</b>
<b>4 Justificativa.....</b>	<b>17</b>
<b>5 Revisão de Literatura .....</b>	<b>18</b>
<b>6 Considerações Finais .....</b>	<b>26</b>
<b>Referências .....</b>	<b>28</b>

## 1 Introdução

Abordar o tema morte não é algo simples, trivial ou comum, porque detemos o hábito de pensar a vida, exclusivamente, com planos futuros - imediatos ou de longo prazo -, alegrias, esperança e conquistas; e esquecemo-nos da única certeza que possuímos que é a partida. Muito embora, tenhamos conhecimento da concreta existência da morte, o luto, especialmente na infância, é um assunto que merece grande atenção, cautela, prudência e cuidado, ao ser mencionado com crianças.

Da mesma forma que para os adultos a notícia da morte é uma circunstância muito sofrida, na infância ela se torna ainda mais complexa. Num momento desses é indispensável buscar maneiras, mais brandas e adequadas, ao abordar o assunto com as crianças, para que elas consigam vivenciar o luto de forma menos sofrida e mais saudável, dentro da realidade em que vive. Aqui, buscamos verificar os sintomas desencadeados por situações de luto vivenciadas durante a infância, por crianças que perderam seus familiares e ente queridos, e os possíveis modos de enfrentamento da criança enlutada, com acolhimento psicológico.

De acordo com o Dicionário Aurélio a palavra “infância” significa um período da vida humana desde o nascimento até cerca de 10 (doze) anos. Já a palavra “luto” é o profundo pesar causado pela morte de alguém, sentimento gerado por perdas como separação, partidas ou rompimentos, como sinais exteriores desse pesar, em particular o traje, quase sempre preto, que se usa quando se está de luto; diz-se também comportamento ligado à morte de alguém, ligado à cultura e religião, o qual pode incluir isolamento e jejum, entre outros, segundo o Dicionário Aurélio (2019).

Conforme Habekoste e Areosa (2011, p.189 apud SANTOS, 2009) “afirma que os primeiros estudos sobre o luto enfatizavam uma proposta de desligamento da pessoa falecida, enfatizando a expressão dos sentimentos e a elaboração do mesmo”. Vendrusculo (2005, p. 1) ressalta que quando falamos em morte e criança

essas palavras soam contraditórias. Todavia, se pensarmos na nossa infância, a morte está associada à vida desde quando perdemos um bichinho de estimação, um familiar ou alguém próximo de nossa família, quando estamos em transição da infância para a adolescência. Entretanto, o luto pode ser experimentado através de perdas pela dimensão física e psíquica, aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares por ausências reais ou simbólicas, durante o desenvolvimento humano.

Como aqui falamos em luto infantil, nesse sentido Andrade (2013, p. 54) ressalta que pensar no luto infantil é pensar o luto de uma forma diferente, pois é necessário levar em consideração que a criança se encontra em desenvolvimento e isso implica um olhar diferente sobre esse assunto. Apesar da criança não possuir um entendimento sobre a morte, ela pode vir a manifestar o luto de outras maneiras, através de sintomas psicossomáticos, mudanças no comportamento, dificuldades na escola e mudança nos hábitos alimentares, podendo apresentar também ansiedade, agressividade e outros sintomas que, por vezes, passam despercebidos, podendo a família não perceber que as mudanças são manifestações do processo de luto.

Diante disso, nesse momento em que a família também se encontra enlutada e sem disposição para conceder atenção e afeto, é de fundamental importância que a criança tenha interação social e contato com amigos.

Para Franco e Mazzora (2007, p. 505) a criança possui uma maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda. Sendo assim, o processo de luto é elaborado ao longo da sua estruturação psíquica, ao longo da sua vida a criança vai resignificando a perda, com seu modo próprio de elaboração infantil. Essa elaboração depende muito de vários fatores, bem como, tipo de morte, como foi feita a comunicação para criança, em que situação ocorreu, dinâmica familiar, rituais estressores e mudanças no cotidiano da criança. O acolhimento psicológico tem o propósito de auxiliar a trabalhar as questões emocionais, e, devido à importância do tema, abordaremos questões relativas a ele através do tecer destes escritos, que se apresentarão a seguir, buscando compreender os sentimentos gerados e as implicações do luto infantil.

## **2 Objetivos**

### **2.1 Objetivo geral**

Verificar os sintomas desencadeados a partir da ciência de uma morte na vida de uma criança e como se dá o acolhimento a essa criança, enlutada, na área da Psicologia.

### **2.2 Objetivos específicos**

- a) Pesquisar os sentimentos gerados numa criança quando da experiência de luto;
- b) Identificar as implicações no cotidiano diante do luto infantil;
- c) Compreender as situações de luto infantil em suas dimensões emocionais, comportamentais e sociais.

### **3 Metodologia**

Trata-se de uma revisão bibliográfica, classificada como uma pesquisa qualitativa exploratória, delineada segundo as seguintes fontes: Scientific Electronic Library Online (SciELO), para a busca de artigos científicos, o Google Acadêmico e os recursos da biblioteca da Universidade Federal de Pelotas, localizada na Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional. Além disso, foram utilizados livros de autores clássicos que desenvolveram estudos e pesquisas sobre o tema como: Minayo, Bousso, Habekoste, Mazzora, dentre outros. Este tipo de trabalho acadêmico envolve pesquisas que buscam sistematizar e avaliar a produção em determinada área de conhecimento, sendo assim, foram selecionados artigos que tratam da temática publicada entre os anos de 1993 a 2020, objetivando responder ao problema inicial desta pesquisa. Constituiremos um conjunto de quatro descritores para busca dos artigos. Os descritores serão: luto, enfrentamento, criança e acolhimento psicológico.

A pesquisa segundo Minayo (1993, p.23) é considerada como “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados”.

Sendo assim, é um exercício de descoberta da realidade, considerada uma prática teórica de busca contínua que define um método profundo e inacabado que busca uma aproximação progressiva da realidade que possibilita ao pesquisador a compreender e desenvolver ainda mais sobre o assunto que já tem.

A seguir, representa-se o quadro de artigos encontrados e que cumpriram os critérios de inclusão e exclusão e que foram usados neste trabalho.

### QUADRO DE ARTIGOS ENCONTRADOS

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Título do Periódico:</b>
Barbosa, M. M. Silvia.	2009	Manual de Cuidados Paliativos.	Academia Nacional de Cuidados Paliativos.
Bouso, S. Regina.	2011	A Complexidade e a simplicidade da experiência do luto.	Acta Paulista de Enfermagem.
Cavalcanti, Andressa., Samczuk, Milena., Bonfim, Tania.	2013	O Conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein.	Psicólogo Informação.
Combinato, Denise., Queiroz, Marcos.	2006	Morte: uma visão psicossocial.	Estudos de Psicologia.
Habekoste, Aline., Areosa, Silvia.	2011	O Luto Inesperado	IV Jornada de Pesquisa em Psicologia. Desafios Atuais nas práticas da Psicologia.
Lima, Vanessa., Kovács, Julia.	2011	Morte em Família: um estudo exploratório a cerca da comunicação à criança.	Psicologia: Ciência e Profissão.
Mazzora, Luciana.	2009	A Construção de Significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto.	Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações.
Moura, Cristina.	2006	Uma avaliação da vivência de luto conforme o modo de morte.	Universidade Federal de Brasília. UNB.
Nascimento, Cecília., Coelho, Maria., Jesus, Marla., Martins, Waleska.	2006	Apego e perda ambígua: Apontamento para uma discussão.	Revista Mal Estar e Subjetividade.
Oliveira, Érika., Santos, Manoel., Mastropietro, Ana.	2010	Apoio Psicológico na Terminalidade: Ensinaamentos para a vida.	Psicologia em Estudo.
Vendrusculo, Juliana.	2005	Visão da Criança Sobre a Morte.	Revista USP.
Franco, H. Maria., Mazzora, Luciana.	2007	Criança e luto: Vivências Fantasmáticas diante da morte do genitor.	Estudos de Psicologia.
Martins, Thaisa.	2006	Concepções de Morte e Estratégias de Enfrentamento: Um estudo com crianças de 06 a 10 anos com e sem experiência de perda por morte recente.	Universidade Federal Do Espírito Santo Centro De Ciências Humanas e Naturais Programa de pós-graduação em Psicologia.
Hohendorf, Jean., Melo, Wilson.	2009	Compreensão da Morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar.	Estudos e Pesquisas em Psicologia.
Garcia, Agnaldo., Leving, Rolando,	2013	Relações familiares: Estudos Latino Americanos.	Centro Internacional de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal CIPRI/UFES.
Catarino, Andreia., Pedro, Ana., Ventura, Diogo., Ferreira, Fabiana., Salsinha, Helena.	2011	A vivência da morte na criança e o luto na infância.	Psicologia o Portal dos Psicólogos.
Sirelli, Nilda., Cortes, Ilana.	2016	A Criança e o Luto: A vivência da morte na infância.	Psicanálise e Barroco em revista.
Andrade, Marcela.	2013	Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais.	Biblioteca Digital, USP.
Comes, Luciana., Mussoi, Mariana.	2005	Manifestações Depressivas da Criança Enlutada.	Revista Eletrônica Disciplinarium Scientia.

#### **4 Justificativa**

Perder um familiar ou um amigo, em decorrência da morte, é umas das experiências mais difíceis e dolorosas para o ser humano que, involuntariamente, todos nós iremos enfrentar, em um momento da vida. Embora vivenciar a morte faça parte da vida, quando encaramos essa realidade da perda e da separação daqueles que amamos é sempre uma complexa e angustiante realidade para àqueles que ficam, principalmente quando se trata de uma criança, em processo de luto, pela perda de algum familiar ou pessoas próximas.

O interesse em realizar uma revisão bibliográfica sobre o assunto se deu após vivenciar algumas situações de luto na minha família, entre amigos, nos locais de estágio e no nosso cotidiano. E, observar os diferentes modos de viver o luto e sentir, despertando em mim a vontade de pesquisar e aprofundar meu conhecimento sobre esse assunto, sobretudo, quando se trata do luto em crianças, buscando compreender os sintomas presentes neste processo, as fantasias, os sentimentos desencadeados e suas maneiras de enfrentamento.

Em princípio para a pesquisa bibliográfica, foi realizada a leitura e escolha de artigos com os pontos: luto, luto infantil, acolhimento psicológico e infância. Os resultados indicaram para a necessidade de respeito e compreensão quanto à evolução cognitiva da criança sobre o luto.

Em decorrência dos desfechos é razoável concluir que a psicologia pode corroborar em circunstâncias do luto infantil, proporcionando um ambiente de escuta e simbolização com as crianças.

## 5 Revisão de Literatura

No que se referem os estudos sobre o luto infantil, Garcia (2013, p. 91) salienta que sentimentos gerados diante à perda de uma figura parental, dependem do estágio cognitivo em que se encontra a figura filial, isto é, tudo depende e varia de acordo com as características individuais da criança, podendo estar relacionado com sentimento de culpa e agressividade, como também, a criança pode vir a regredir em seu comportamento. Dessa forma, o autor destaca que considera importante que a criança ou adolescente sejam incluídos em intervenções psicológicas que envolvam o genitor sobrevivente e a família, haja vista que são capazes de compreender e de participar desse processo de luto familiar.

Ainda para que possamos compreender o luto infantil e os sentimentos desencadeados Garcia (2013, p.92) ressalta que quando a morte é decorrente de uma doença ou internação hospitalar, a criança, desde então, já percebe a tensão familiar quando há alguém hospitalizado. Sendo assim, o próprio ambiente muda e a criança começa a sentir-se triste, em função da ausência do familiar que se encontra ausente. E, por consequência, percebe que algo diferente está acontecendo. Entretanto, em meio à doença e à terminalidade, às vezes, a família não percebe as mudanças de comportamento da criança, e menos, ainda, relaciona com a doença ou a morte do familiar, devido à sobrecarga e estresse emocional em que se encontram no momento.

Quando se trata da morte dos pais da criança, Catarino et al. (2010, p.5), ressalta que é desencadeado o sentimento de desamparo ainda de uma forma maior, isto é, quanto mais forte o vínculo, mais forte é sentida a morte, pois, além do luto, da ausência e da saudade, a criança precisa adaptar-se à nova rotina familiar, juntamente com o luto que enfrentam o restante dos familiares, nesse momento difícil de reorganização da vida.

Para os autores, muitas vezes devido ao momento que enfrentam essas pessoas, os sentimentos da criança passam despercebidos pelos familiares, que convivem ao seu redor, acarretando na criança uma sensação maior ainda de falta de proteção e amparo, visto que, a dificuldade em elaborar a perda torna-se maior quando a morte é de uma pessoa a qual ela dependia e sentia-se protegida, assim sendo, é como se a criança se sentisse desprotegida por duas vezes.

Segundo Sirelli e Cortes (2016, p. 97)

Em um primeiro momento, a ligação objetal com o objeto eleito é estabelecida, sendo seguida pela perda desse objeto que varre todos esses laços de amor, esvaziando-os. Finalmente, em um terceiro momento, estabelece-se o trabalho de luto, uma busca por ressignificar o vazio do laço amoroso e o não sentido da finitude, o real exposto pela falta do objeto, para, posteriormente, ser capaz de ligar-se a um novo objeto.

As ligações objetais ou relações objetais seriam as afinidades que a criança constrói com os familiares e parentes e a maneira como essas pessoas desenham as ações da criança.

Ainda quando se refere à morte dos pais da criança, Franco e Mazzora (2007, p. 504) afirmam que é das piores experiências que ela pode vivenciar e com a ausência irreversível morre também o sentimento de segurança da criança, resultando em sentimentos de impotência e desamparo. Esse sentimento é como se estivesse acontecendo um desmoronamento na família, tornando essa fase de luto um desafio de reconstrução e reorganização da vida após a morte.

Martins (2006, p. 21) relata que por mais que a atitude de ocultar a morte de uma criança seja com as melhores intenções, esconder a morte em nada adianta, pois o sentimento de perda e o sofrimento não serão evitados se este sentimento não for vivenciado e enfrentado no próprio tempo da criança.

Com relação aos sintomas desencadeados, Lima e Kovács (2011, p. 393) enfatizam que a elaboração do luto pela criança irá depender como a família ou responsáveis abordam sobre este assunto com ela e de como os adultos os quais são responsáveis pela criança lidam com seus sentimentos e suas expressões emocionais.

Kovács e Lima (2011, p. 394) também explicam a importância de haver um diálogo claro sobre a morte respeitando o nível de desenvolvimento da criança. Falar sobre a morte não é uma tarefa fácil, por esse motivo a família se torna resistente para abordar esse assunto, todavia, a criança tem a necessidade de falar sobre suas

inquietações e seus sentimentos, necessitando do apoio, conforto e segurança do restante da família.

Andrade (2013, p. 55) diz que é natural desencadear mudanças no comportamento e no dia a dia da criança enlutada, mas é importante que ela passe por esse momento e que a superação seja sem pressa e gradualmente. Desta forma, é primordial para a criança que ela vivencie essa situação no seu próprio ritmo, compreenda e supere a separação do familiar, por decorrência da morte. “Cabe notar que o caráter estranho e a opção do silêncio perante esse tema é uma opção encontrada nos adultos, pois as crianças falam sobre a morte com naturalidade e despreocupadamente” [...] (SIRELLI e CORTES, 2016, p.95).

Em outras palavras, não falar sobre a morte, com as crianças, é um receio e/ou medo dos adultos, mas se, por outro lado, esse temor for vencido e a morte for explicada e dialogada, com naturalidade, cada criança, no seu tempo, poderá ter uma melhor compreensão.

De acordo com Catarino et al. (2010, p. 8) o luto em crianças pode manifestar crises de pânico e ansiedade, medo da morte e isolamento, desânimo ao fazer suas atividades, retrocesso em seus comportamentos, sintomas psicossomáticos, bem como, dores, perda de apetite, insônia e/ou pesadelos.

Segundo Vendrusculo (2005, p. 28) as crianças, com até cinco anos de idade, não compreendem a morte, para elas é como se fosse algo temporário, ou seja, ela sente a falta da pessoa falecida e que não se encontra mais presente, porém, é como se a pessoa falecida fosse voltar, como se tivesse saído para um passeio, mas logo retornará.

Entretanto, com o passar do tempo, a falta do ente querido irá acarretar alguma mudança na criança e sintomas começarão a ser perceptíveis. Embora, crianças dessa faixa etária ainda não tenham um entendimento sobre a morte, elas são capazes de perceber a alteração emocional e da rotina diária de sua família.

Ainda, para Vendrusculo (2005, p.28), por volta dos cinco ou seis anos de idade a criança já pode entender a morte como irreversível, mas não como algo inevitável, mas nessa fase já é possível que ela faça questionamentos sobre a causa da morte. Contudo, isso não é uma regra e não acontece de maneira igual para todas as crianças, dessa faixa etária.

Para a autora, entre oito e nove anos as crianças ainda estão em desenvolvimento sobre a ideia de morte, mas para essa idade a morte está muito

associada à velhice e à doença, entretanto, a partir desse momento começam a compreender a morte como algo irreversível.

De acordo com Torres (1999), conforme citado por Andrade (2013, p. 55),

a irreversibilidade é a compreensão de que, depois da morte, o corpo físico não voltará mais. A não funcionalidade diz respeito ao fato de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte. E por fim a universalidade, o entendimento de que tudo que é vivo irá morrer.

Segundo Sirelli e Cortes (2016, p. 95), ainda em muitas famílias a morte é silenciada para a criança ou é omitida alegando que a pessoa falecida está em viagem, dormindo ou foi para o céu, sem nunca ter conversado ou explicado sobre o assunto, é a maneira mais fácil e que consideram protetora - omitir ou silenciar. Porém, quando escondemos essa verdade, mesmo que seja uma difícil e dolorida verdade, essa atitude pode originar consequências futuras e impedir que a criança tenha esse momento de luto experienciado com os demais familiares.

Sobre o enfrentamento da perda Sirelli e Cortes (2016, p. 97) dizem:

[...] não há luto sem dor, é um processo necessário no qual devemos permitir que o sujeito, a seu tempo, seja capaz de desligar-se do objeto perdido e relançar-se em busca de um novo objeto. Por um período, o mundo deixa de ser interessante na medida em que ele não lembra o morto, e qualquer atividade que não esteja ligada a sua memória perde o sentido. O que ocorre é uma dedicação exclusiva do eu ao luto.

As crianças possuem diversas necessidades e expressam seus sentimentos de maneira diferente dos adultos e nem sempre têm um familiar disposto a ouvir e acolher suas angústias.

Andrade (2013, p. 54) ressalta a importância da comunicação com a criança para que, sucessivamente, seja possível o entendimento e a superação desse momento de dor. Dessa forma, percebemos como é considerável o modo o qual a família enfrenta a morte e o quanto o apoio e a atenção da família são imprescindíveis, nessa situação, na vida da criança.

De acordo com Hohendorff e Mello (2009, p. 484) a elaboração do conceito de morte está associada ao desenvolvimento cognitivo de cada criança e, por isso, se faz necessária a veracidade e adequação das informações, relacionadas à morte, apresentadas à criança, facilitando, assim, o entendimento infantil.

Conforme Franco, Mazzora (2007, p. 504)

A elaboração do luto foi descrita na teoria psicanalítica como um processo de identificação com o objeto perdido, no qual há retirada gradual do investimento libidinal nesse objeto e investimentos libidinal em novos objetos. Esse processo não implica o desligamento total do objeto perdido, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada durante o trabalho do luto. É esse trabalho de ressignificação, de transformação da relação com o objeto perdido, que permite a elaboração do luto.

Levando em conta as considerações de Franco e Mazzora (2007, p. 505) a criança possui uma maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda. Sendo assim, o processo de luto é elaborado ao longo da sua estruturação psíquica, ao longo de sua vida. E, ela vai ressignificando a perda com seu modo próprio de elaboração infantil. Essa elaboração depende de vários fatores, bem como, tipo de morte, como foi realizada a comunicação para criança, em que situação ocorreu, dinâmica familiar, rituais estressores e mudanças no cotidiano da criança.

Kovács e Lima (2011, p. 400) comentam sobre a participação de crianças em velórios enfatizando que essa decisão de levar ou não uma criança até um velório depende muito de cada família, religião e crença. E, salientam que a participação de crianças nesses rituais ajuda a elaborar o luto de forma construtiva, como também, propicia à criança a oportunidade de se despedir da pessoa falecida.

Ross, (2008, p. 163) ressalta a importância do cuidado com a família de pessoas que se encontram em fase terminal, pois se a família não tiver um cuidado especial não estaremos cuidando, de forma eficaz, do paciente, haja vista que os familiares precisam cumprir um papel muito importante de cuidadores. E, na maioria das vezes, são obrigados a desempenhar funções que não eram exigidas antes, e adaptar-se a mudanças radicais em meio à doença.

Barbosa, (2009, p. 324) destaca importância de haver valor afetivo dos profissionais da saúde que acompanham pacientes na fase final da vida com cada um dos familiares, como também possuir empatia e compreensão às reações psíquicas e comportamentos nesse momento crucial, já que cada pessoa aceita e compreende a perda no seu tempo.

Com relação ao acolhimento, segundo Oliveira, Santos e Mastropietro (2010, p. 236) o apoio psicológico é importante no fim da vida e em todos os processos de

luto, pois na morte há muitos estigmas e preconceitos que abrangem diversos elementos ameaçadores e persecutórios que afetam a vida.

Em todas as fases da vida, como caracterizam Souza, Moura e Corrêa (2009, p. 541) a procura pelo atendimento psicológico é um pedido de ajuda para enfrentar a morte, tornando um momento possível para falar sobre suas dores, seus medos, suas angústias, chorar e ser acolhido, como também, avaliar suas relações no aqui e agora e entender que o luto é um processo natural, mas que pode tornar-se complexo.

E, complementando a respeito da seriedade e necessidade do atendimento psicológico Comes e Mussoi (2005, p.178) conforme citado por Raimbault (1979, p. 182) afirmam "é de extrema importância que aconteça o trabalho de psicoterapia infantil com a criança que vivencia o luto, pois para a autora, a criança que não fala o que sente não conhece a morte, conhece apenas a ausência."

A psicoterapia é fundamental porque permite o autoconhecimento, a dissolução de conflitos e a evolução da saúde mental. É por meio dela que os pacientes têm a possibilidade de olhar para si mesmo e refletir sobre as causas que os induzem a determinados pensamentos ou ações referentes a uma situação de sua vida.

Segundo Barbosa (2009, p. 324) para os profissionais da saúde, que vivenciam diariamente o luto e a morte, é importante ter conhecimento sobre o luto e as reações advindas dele em todas as fases da vida, com o objetivo de entender todas e inesperadas mudanças no comportamento daquelas pessoas que convivem com o doente. Do mesmo modo se torna imprescindível que esses profissionais recebam uma atenção especial visto que, juntamente com as famílias, vivenciam a morte todos os dias.

Para Garcia (2013, p.90) vários estudos têm mostrado resultados positivos proporcionados por intervenções psicológicas realizadas entre pacientes e seus familiares, em casos de doenças, terminalidade e morte, destacando-se em prevenção de sintomas psicopatológicos futuros, resolução de questões denominadas pendentes e reaproximação familiar.

Entende-se por intervenções psicológicas o intento de influir, de modo determinante ou provisório, o comportamento humano, através de atitudes realizadas para instigar modificações nas pessoas. São estratégias de interferência capazes de mudar o estado emocional e/ou sentimentos humanos.

Sobre como compreender as situações do luto infantil, Catarino et al. (2010, p.3), ressalta que para esse entendimento é necessário buscar perceber como a criança enxerga a morte ao longo de seu desenvolvimento. De acordo com os autores e como citado por Kubler-Ross (1991) as reações vividas pelas crianças diante da morte são bem diferentes das reações dos adultos. Trata-se de diferentes reações emocionais ou comportamentais que variam da infância à idade adulta.

Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 89) ressaltam o conceito de luto de Freud em *Luto e Melancolia* (1915) que compreende como uma reação à perda não somente com a morte de uma pessoa, mas também de algo que tome a mesma importância. Freud define como um processo natural que não é inconsciente nem considerado doença e que pode ser superado após algum tempo.

Sobre o processo de luto, Bousso (2011, p. 1) entende como uma fase natural e esperada da vida quando há algum tipo de rompimento de vínculo ou perda significativa não sendo relacionada apenas à morte ou a situações irreversíveis, é subjetivo e vivenciado de modo diferente a cada pessoa a qual experencia.

No caso dos adultos, para Nascimento e Coelho (2006, p. 435), o luto é uma fase supostamente prevista após as perdas, e identificado por sentimentos de descrença, negação e desamparo, que após serem ressignificados é possível reconstruir novamente a vida do sujeito enlutado, tornando compreensível que o trabalho do luto foi finalizado.

Entretanto, quando se trata do luto infantil, Franco e Mazzora (2007, p. 508) enfatizam que além da criança sentir-se desamparada e abandonada, pela morte de um familiar ou genitor, esse sentimento se multiplica muitas vezes pelo outro genitor sobrevivente também estar vivendo esse processo de luto, encontrando-se mobilizado, acarretando também uma dupla perda para a criança e uma maior sensação de abandono.

Comes e Mussoi (2005, p. 178) conforme citado por Kovács (1992, p. 168)

a psicoterapia é um suporte importante, principalmente quando a criança está em um luto mais intenso com sintomas de raiva, culpa e tristeza. Nesse caso, o trabalho psicoterápico funciona também como um processo preventivo para que a criança não desenvolva ainda um luto complicado.

Além disso, sobre a assistência psicológica Oliveira, Santos e Mastropietro (2010, p. 243) destacam que esse atendimento é indispensável também durante os

trabalhos paliativos, pois estes atendimentos proporcionam qualidade de vida antes da morte, após o diagnóstico e até a morte concreta.

Complementando sobre o enfrentamento do luto, Comes e Mussoi (2005, p. 188) ressaltam a importância do acolhimento psicológico para a criança que está vivenciando o processo de luto, como também para a família da criança, trata-se de um momento de suporte necessário para que ambos consigam libertar suas angústias e sofrimento, buscando compreender as singularidades desse dolorido processo.

Além disso, as autoras Comes e Mussoi (2005, p.189) falam sobre o desejo de morte da criança que se encontra em luto, trata-se de uma fantasia sobre a morte que pode ser revertida. Essa fantasia de experienciar a morte surge a partir da saudade e do desejo da criança em encontrar a pessoa falecida.

Afinal, como explicar a uma criança, que desconhece o significado do conceito de morte, que ela nunca mais verá alguém? E como lidar com a criança que fantasia a ideia de sua morte para estar junto de um ente querido que partisse? Nesse momento o acolhimento psicológica se faz, impreterivelmente, necessária.

## **6 Considerações Finais**

Considerando a literatura e os artigos pesquisados se pode perceber que a compreensão da forma como a criança enfrenta e entende a morte varia de acordo com as características individuais de cada criança, dependendo muito da idade, do desenvolvimento cognitivo, do suporte emocional e afetivo, ou seja, a maneira como a família também enfrenta este momento constituirá a maneira como a criança irá responder perante o luto.

Além disso, o vínculo que a criança possuía com a pessoa falecida também implica no modo de sentir e enfrentar o luto, isto significa que o sentimento de tristeza e desamparo é ainda maior quando o luto é derivado da morte dos pais da criança, do cuidador ou de alguém com o qual possuía um grande vínculo.

A pesquisa indica que é preciso ficar atento às reações emocionais e comportamentais do luto infantil, pois acontece de forma diferente dos adultos e não ocorre de maneira igual para todas as crianças, porque depende de vários fatores individuais e cada criança vivencia o luto com diferentes reações emocionais e comportamentais.

Diante disso, é fundamental que, como psicólogos, tenhamos conhecimento sobre o luto nas diferentes fases da vida e sobre os sentimentos e reações derivados deste momento.

Conforme este estudo, o luto também não está relacionado somente à morte de uma pessoa, o luto é antes de tudo, o rompimento de um investimento afetivo que tenha a mesma importância, seja real ou simbólico. Entretanto, independente da causa do luto, o acolhimento psicológico é um suporte importante para que crianças, adultos e famílias consigam ressignificar essas dolorosas perdas.

Por esse motivo os cuidados paliativos são indispensáveis para um luto mais brando e saudável, pois os profissionais poderão contribuir, com mais condições, para o cuidado irrestrito, humanizado e qualificado às crianças, aos adolescentes e suas famílias.

Conforme Barbosa (2009, p. 327) precisamos ensinar alguns conceitos e coisas práticas para o dia a dia, para os profissionais que não fazem cuidados paliativos, porque é de indispensável importância que todos entendam que necessitam desse conhecimento para proporcionar um atendimento mais colaborativo e eficaz às crianças enlutadas. “Não precisa ter a expertise, mas precisa entender, ter a intenção paliativa, e o tratamento de sintomas é fundamental”

É um diferencial para auxiliar no atendimento e no acolhimento da criança que vivencia essa dificuldade, porque funciona como um processo preventivo, e, quando há perdas progressivas, como em casos de doenças crônicas, os cuidados paliativos são preponderantes no êxito do atendimento.

É preciso esclarecer o entendimento de que os cuidados paliativos acontecem quando o paciente possui uma doença crônica ou ameaçadora a vida e quando se apresenta em condições de terminalidade, porque, na verdade, sua intencionalidade principal é gerar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares, através da atenuação do sofrimento e da prevenção, considerando o alívio da dor emocional, dos aspectos psicológicos e na oferta de um suporte que permita ao paciente e seus familiares viver da melhor forma, até o momento da morte, que por mais que seja dolorosa e sofrida, para todos, são um processo natural da vida – a morte e o luto.

## Referências

- ANDRADE, Marcela. *Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais*. Ribeirão Preto, 2013. p. 23-280.
- BARBOSA, Silvia. *Manual de Cuidados Paliativos*. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009.
- BOUSSO, Regina Szyli. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 24, n. 3, 2011.
- CATARINO, Andreia; PEDRO, Ana, VENTURA, Diogo, FERREIRA, Fabiana, SALSINHA, Helena. *A Vivência da morte na criança e o luto na infância*. Lisboa. Portugal, maio, 2010. p. 01-15.
- CAVALCANTI, Andressa; SAMCZUK, Milena; BONFIM, Tânia, O Conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo Informação*, a. 17, n. 17, p. 88-105, jan./dez. 2013.
- COMES, Luciana; MUSSOI, Mariana. *Manifestações Depressivas da Criança Enlutada*. Santa Maria, 2005. p. 173-190.
- DICIONÁRIO, Aurélio. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.
- FRANCO, Maria Helena; MAZORRA Luciana. Criança e luto: Vivências Fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*. Campinas, out./dez. p. 503-11, 2007.
- GARCIA, Agnaldo; Loving, ROLANDO *Relações Familiares: Estudos Latino-Americanos*. Vitória. 2013. p. 2-112.
- HABEKOSTE, Aline; AREOSA, Silvia. O Luto Inesperado. In: IV JORNADA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA, 2011, Santa Cruz do Sul – RS. p.189-202.
- HOHENDORFF, Jean; MELO, Wilson. *Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar*. Rio de Janeiro, ago. 2009. p. 480-92.

LIMA, Vanessa; KOVÁCS, Julia. *Morte na família: um estudo exploratório Acerca da Comunicação à Criança. Psicologia: Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.

MARTINS, Thaísa. *Concepções de Morte e Estratégias de Enfrentamento: Um estudo com crianças de 06 a 10 anos com e sem experiência de perda por morte recente*. Vitória, ago. 2006, p. 13-113.

MAZZORA, Luciana. *A Construção de Significados atribuídos à Morte de um ente querido e o processo de Luto*. São Paulo, 2007. p. 01-253.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, Cecília; COELHO, Maria; JESUS, Marla; MARTINS, Waleska. *Apego e perda ambígua: Apontamentos para uma discussão*. Fortaleza, v. VI, n. 2, p. 426-49, set. 2006.

OLIVEIRA, Érika; SANTOS, Manoel; MASTROPIETRO, Ana. *Apoio Psicológico na Terminalidade: Ensinos para a Vida*. Maringá, v. 11, n. 2, p. 235-44, abr./jun. 2010.

ROSS Kübler Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. 9. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2008.

SIRELLI, Nilda, CORTES, Ilana. *A Criança e o Luto: A vivência da morte na infância*. Macaé, dez. 2016. p. 91-103.

SOUSA, Airle Miranda de MOURA, Danielle do Socorro Castro; CORREA, Victor Augusto Cavaleiro. *Implicações do Pronto-Atendimento Psicológico de Emergência aos que Vivenciam Perdas Significativas. Psicologia Ciência e Profissão*, n. 29, v. 2, p. 534-43, 2009.

VENDRUSCULO, Juliana. *Visão da Criança sobre a Morte*. Ribeirão Preto, 2005.p. 26-33.